

## REFLEXÕES EM TEMPO DE PANDEMIA

Regina Célia Moreth Bragança<sup>1</sup>

Chegamos em 2020, como todo novo ano, ele chega recheado de novos sonhos, novas determinações. Quem nunca pensou: no próximo ano eu vou... mudar alguma coisa. Claro que nem sempre os nossos sonhos viram realidade. Porém, por mais que pudéssemos imaginar como seria ou como deveria ser o ano de 2020, ninguém podia prever essa loucura que estamos vivendo.

Em dezembro de 2019 foi dado o primeiro alerta pela Organização Mundial da Saúde (OMS). As autoridades chinesas alertaram para o surgimento de uma série de casos de pneumonia – síndrome respiratória – de origem desconhecida na cidade de Wuhan. Todos os jornais e telejornais noticiaram, mas era notícia da China. Não era motivo de preocupação ainda para grande parte da população.

Porém, a partir daí, novos casos apareceram fora da China: Alemanha, Japão, Rússia. A princípio os casos eram de pessoas que tinham estado na China, mas logo depois apareceram casos de pessoas que não viajaram.

Em 11 de março a OMS declarou pandemia do Coronavírus – identificado como COVID-19, doença causada pelo SARS-COV-2. Segundo o órgão o número de países atingidos por este vírus deveria aumentar.

Rapidamente, o mundo parou, o vírus atingiu 188 países e territórios. A maioria das pessoas pararam, tiveram as rotinas modificadas. Porém, parte importante da população, ou seja, os médicos, enfermeiros, profissionais ligados à saúde e profissionais ligados à segurança pública tiveram também sua rotina alterada, mas estes não puderam ficar em casa. Estes profissionais fazem parte do grupo que atua de frente nesta pandemia.

Nesta reflexão que estamos fazendo não levaremos em conta as ações dos governos. O que nos importa agora é pensar na nossa rotina modificada por esta pandemia.

---

<sup>1</sup> Professora Dra. da Faculdade de Matemática e Coordenadora de EaD da Universidade Federal Fluminense.

Na Universidade Federal Fluminense, o semestre letivo para os cursos de graduação presenciais, não começou. O Calendário foi suspenso. A colação de grau dos formandos foi online. Nós, que estávamos acostumados a sair de casa para o trabalho todo dia, fomos informados que faríamos o nosso trabalho em casa (home-office). Alunos selecionados pelo SISU para começar o seu primeiro semestre letivo na Universidade – os calouros- ficaram na expectativa de começar os estudos e o convívio dentro do ambiente universitário.

Os cursos de graduações semipresenciais que ofertamos junto com as instituições públicas de ensino superior do Rio de Janeiro, dentro do consórcio Cederj, já estavam indo para o segundo mês de atividades. Mas por conta desta pandemia os Polos foram fechados. Os mediadores presenciais ficaram em casa, atendendo aos alunos também pela plataforma assim como os mediadores a distância. Os laboratórios fechados, as bibliotecas fechadas. As provas presenciais modificadas para serem aplicadas também via plataforma, mas com várias regras relativas ao tempo para resposta. Porém, alguns alunos não conseguiram “entregar” as provas pois não tinham computador, internet ou impressora em casa e as *lan houses* estavam fechadas.

As creches fecharam, as escolas de ensino fundamental e médio também fecharam. Crianças em casa. A maioria dos pais em trabalho remoto. Perdemos toda interação social.

Podemos perguntar como no poema do DRUMMOND:

*E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, você?*

E agora cada um de nós com suas dificuldades? Que ano é este? Não podemos fechar os olhos e não ver que vivemos num mundo de desigualdade social imensa, de fragilidades. Percebemos que a desigualdade social no Brasil está cada vez maior quando as escolas fecharam e começaram as aulas remotas. Os mais pobres são realmente os mais afetados. A maioria precisa ir à escola para merendar. Muitas vezes a

refeição na escola é a única do dia. Além disso, eles também não têm acesso à internet, computador e, em alguns casos assistem aulas com a internet do celular dos pais.

Não podemos ignorar que apesar de já termos várias ferramentas digitais usadas até como marketing das escolas, nossas crianças não têm autonomia para estudar. De forma geral, não fomos educados para o ensino não presencial.

Nas escolas de ensino fundamental e médio ficou resolvido que os alunos teriam aulas remotas. A meu ver, de forma geral, os professores estão fazendo um ótimo trabalho com suas aulas remotas. Os professores estão usando várias tecnologias de comunicação para reunir alunos e apresentar conteúdos de sua disciplina. Muitos dizem que essas aulas remotas são ensino a distância. Mas, sinto informá-los que não são Educação a Distância não, é outro modo de fazer a mesma coisa que é feita em sala de aula.

Educação a Distância também foi visto como uma metodologia de educação para quem não tem tempo. Isto também não é verdade. Não dá para se inscrever num curso a distância se você não tem tempo para estudar, entrar na plataforma, fazer exercícios, tirar suas dúvidas online (ou presencialmente de acordo com curso), frequentar os Polos, usar os laboratórios. Educação a Distância é para aquelas pessoas que querem investir em educação. É para as pessoas que vão renunciar a várias coisas, no seu dia a dia, para que tenham tempo para estudar.

Temos que diferenciar “Educação a Distância” do “USO de algumas metodologias de Educação a Distância”. Hoje os professores estão USANDO as tecnologias, USANDO os ambientes virtuais de aprendizagem, USANDO os serviços de comunicação por vídeo que já foram desenvolvidos para “dar suas aulas remotas”.

Vamos pensar.... o que está faltando? Em primeiro lugar, esses alunos e seus pais do ensino fundamental ou médio não escolheram esta metodologia de ensino. Os alunos não foram educados a serem autônomos. Professores não foram capacitados também para esta metodologia de ensino. Eles estão transpondo suas práticas presenciais para suas aulas remotas. Com isso, de uma hora para outra os alunos do ensino fundamental e médio trocaram a escola pelo ensino em casa. Porém, nem sempre os pais estão preparados para ajudar os filhos nas tarefas por vários motivos, um deles e talvez o mais importante é que na maioria das vezes os pais estão em home-office e não têm tempo para acompanhar os filhos no estudo.

Porém, este tempo despertou em nós, algumas certezas. É necessário urgentemente uma mudança na metodologia educacional no século 21. Quando esse

tempo de reclusão passar, será necessário que os alunos voltem para escola e encontrem uma escola diferente. Encontrem o professor usando mais tecnologia na sala de aula com o intuito de aprimorar a prática docente e otimizar o processo de ensino aprendizagem. Precisamos ter aluno mais autônomos. Precisamos sair do quadro negro para dar espaço à pesquisa, o aluno precisa explorar o mundo mesmo que dentro da escola.

O artigo de Giani Peres – Tecnologia ou Metodologia? O grande desafio para o século XXI – Revista Pitágoras 2013, fala sobre isso. “Faz-se mister incorporar no cotidiano escolar as modernizações, as inovações e o que se tem de mais atual no mundo contemporâneo. Hoje, mais do que nunca, o profissional do futuro necessita ter a competência de saber utilizar as novas tecnologias em seu favor.”

As crianças, ao longo dos anos, mudaram, os alunos mudaram de maneira geral eles não têm mais um perfil passivo. Porém ele deve ser levado a desenvolver um perfil ativo dentro do processo educativo e não só nos jogos eletrônicos. A pandemia fez com que os professores mudassem quando preparam suas aulas remotas, porém falta ainda para os professores entenderem que o seu papel não pode ser mais só transmissor do conhecimento. O conhecimento deve ser construído, em sala de aula junto com seus alunos.

Terminando essas reflexões deixo as palavras do ex-presidente OBAMA, numa formatura de alunos “Se o mundo vai ser melhor daqui pra frente será responsabilidade de vocês”. Será que temos essa certeza? Vamos continuar refletindo...

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:**

PIROZZI, Giani Peres. **Tecnologia ou Metodologia? O Grande Desafio do Século XXI**. Revista Pitágoras, v.4, n.4, dez/mar 2013